

Um pacto com o real? Considerações sobre a escrita autobiográfica e seu papel na modernidade

Bruno Cesar Cursini^I

Artigo recebido em 19/06/2017 e aceito em 01/09/2017

O pacto autobiográfico - De Rousseau à internet, é uma coletânea de textos produzidos pelo professor francês Philippe Lejeune e criteriosamente selecionados, compilados e traduzidos por Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Lejeune é membro fundador da APA, *Association pour l'Autobiographie et Le Patrimoine Autobiographique*, posição que lhe permitiu investigar a produção de escrita do eu numa verdadeira pesquisa de campo: através da correspondência e, posteriormente, das mídias digitais, ele teve acesso a milhares de autobiografias e diários de pessoas comuns da França, o que lhe permitiu estender a análise para muito além dos limites impostos pelo que seria um simples estudo dos diários, memórias e autobiografias de grandes personalidades com o políticos, escritores, etc^{II}. Os ensaios neste livro foram publicados por Lejeune entre 1986 e 2002, e não estão dispostos em ordem cronológica. O primeiro deles é justamente seu clássico ensaio *O pacto autobiográfico*, no qual são estabelecidas algumas das chaves explicativas que transformaram o autor numa referência dos estudos do tema da escrita do eu. Neste ensaio, Lejeune busca estabelecer os parâmetros que possibilitariam uma análise mais sistematizada dos textos autorreferenciais como documentos de pesquisa. Como diz a organizadora na apresentação, trata-se de um gênero de literatura "[...] cuja proliferação atual e o interesse acadêmico crescente não significam de fato que haja consenso em torno dele".^{III} Esta imprecisão de raiz epistemológica fica evidente no primeiro "Pacto": Lejeune cria categorias para classificar os escritos do eu; diários, memórias, autobiografias... para logo em seguida afirmar que elas não seriam "[...] absolutamente rigorosas: certas condições podem não ser preenchidas totalmente. O texto deve ser *principalmente* uma narrativa, mas sabe-se a importância do *discurso* na narração autobiográfica; a perspectiva, *principalmente* retrospectiva".^{IV} A definição de autobiografia passaria pelas condições mesmas da possibilidade de sua existência: "Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre *o autor, o narrador* e *o personagem*".^V Esta seria, de forma crua, a definição do que se busca no pacto autobiográfico. O ponto central desta análise é pensar a questão do *eu*, que acaba se revelando bastante complexa: ninguém pode negar que o 'eu' remete à enunciação, mas este não é o último termo da referência, pois coloca, por sua vez, um problema de *identidade* que, no caso da comunicação oral direta, é instintivamente resolvido a partir de dados extralinguísticos.^{VI} Por fim, conclui-se que nenhum pronome pessoal pode remeter a um conceito, cabendo tal função, isto sim, ao nome próprio, crucial para a identificação autor-personagem, elemento crítico do pacto autobiográfico. É obvio, porém, que mesmo isto é objeto de reflexão, já que existem as categorias do romance autobiográfico e outras formas ficcionais da escrita de si.^{VII}

Lejeune não reluta em, anos depois, revisitar seu ensaio. *O pacto autobiográfico (bis)* e *O pacto autobiográfico, 25 anos depois* são textos nos quais procura não apenas complementar, como também retificar as instancias defendidas outrora. Há mesmo uma autocrítica severa quando ele se pergunta por que adotou

uma atitude tão jansenista? Talvez porque, sem dizê-lo, sempre raciocinei como se o centro do campo autobiográfico fosse a *confissão*: avaliei o todo, de acordo com as regras de funcionamento de uma de suas partes: as confissões devem ser assinadas para que tenham valor; não há como entrar em acordo com a verdade... Mas tal escolha só é passível de crítica se implicar a negação da existência de graus possíveis: do momento em que a aceitamos, o ponto de referência da confissão permite avaliar outras estratégias de escrita e de leitura. Não se deve confundir o eixo magnético que rege a bússola com a multiplicidade de direções que ela permite localizar. E é preciso admitir que há na realidade outros eixos de organização além do eixo magnético...^{VIII}

Assim podemos dizer que a parte inicial do volume gira em torno do “Pacto autobiográfico” e suas duas releituras pelo autor, sendo que, na última, Lejeune finalmente revê seu argumento de que todas as análises são feitas a partir da recepção (o leitor).^{IX}

Deste ponto em diante os temas abordados vão se expandindo num leque tão vasto quanto as possibilidades suscitadas pela prática da escrita de si. Tratar da complicada mescla do autobiográfico com o ficcional é um desafio a que o livro se propõe, lançando novos questionamentos muito úteis para as pesquisas que queiram investigar, por exemplo, a escrita de si como fonte histórica. A rejeição destes textos tanto por certas correntes, tanto historiográficas quanto literárias é algo bastante repisado, tal rejeição restringiu um pouco os avanços dos estudos sobre o tema. Neste sentido, Lejeune nos lembra que “a autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e de compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística. É um ato que tem conseqüências reais [...]”.^X É na tríade História, verdade e memória que o pesquisador deve buscar o sentido da prática autobiográfica, cujo caráter literário faz com que busque ao mesmo tempo o belo e o verdadeiro.^{XI}

A segunda parte do volume oferece valioso aporte metodológico para o historiador social. O homem faz uso da narrativa para vestir de sentido a própria existência, e para isto não se exige que domine a escrita, ainda que “escrever e publicar a narrativa da própria vida [tenha sido] por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes”.^{XII} *A autobiografia dos que não escrevem* coloca uma série de problemas acerca das técnicas de entrevista e de transposição de fala de pessoas comuns de quem se registra a existência; problemas de ordem prática e ética, afinal,

A divisão do trabalho entre duas pessoas (pelo menos) revela a multiplicidade das instâncias implicadas no trabalho de escrita autobiográfica como em qualquer outra escrita. Longe de imitar a unidade da autobiografia autêntica, ela ressalta seu caráter indireto e calculado. Somos sempre *vários* quando escrevemos, mesmo sozinhos, mesmo nossa própria vida.^{XIII}

Isto nos leva a conhecida problemática do autor. Lejeune considera a definição de “autor” bastante fluída, mas é categórico ao colocar que ela está baseada nas ideias de *iniciativa* e de *produção*.^{XIV} Estes problemas de identidade suscitam outros problemas de relação de forças, afinal de contas, além dos evidentes filtros da percepção e da memória do *nègere* (verdadeiro autor de obras assinadas por outrem), não seriam os relatos orais também desvirtuados por preconceitos classistas? “Na escrita como em toda parte, a 'autoridade' está sempre do lado dos que têm o poder”.^{XV} Mais adiante as considerações vão além, estudando o papel do autor na mídia e o papel da mídia no autor: “[...] a mídia incentiva fatalmente a ilusão biográfica que leva a buscar a solução do mistério no próprio autor”.^{XVI}

A terceira parte se dedica a breves análises de objetos singulares mas de alguma forma

ligados à prática autobiográfica: o cinema, os autorretratos e as cartas. Na quarta parte, uma bateria de 6 capítulos inteiros analisa os diários, suas diferenças e atipicidades, os pontos que os distanciam e aproximam da autobiografia. Na essência, porém, este elemento de distinção seria o caráter retrospectivo da autobiografia ou das memórias, enquanto o diário é um produto do presente.^{XVII} Suas Funções incluem conservar a memória, sobreviver no caos contingencial do presente, desabafar, conhecer-se, deliberar, resistir, pensar, ou mesmo escrever por simples higiene.^{XVIII}

Os dois capítulos da parte final dedicam-se à contemplação do advento da internet e o impacto que ela trouxe na produção da escrita íntima. Como o último destes ensaios data de 2002 é compreensível que o livro não consiga versar sobre todo o alcance da rede do qual nós, hoje em dia, já nos demos conta. Como não poderia deixar de ser, Lejeune faz ele mesmo a experiência de redigir um diário – entre 3 de outubro e 7 de novembro de 2000 – que é escolhido pelas organizadoras para fechar o volume. Tal diário traz não apenas eventos do cotidiano do professor, como também deliberações acadêmicas, talvez a mais interessante seja a análise de um estudo de psicólogos japoneses acerca da escrita íntima na rede (p. 406-407).^{XIX}

O pacto autobiográfico é leitura obrigatória para os pesquisadores – historiadores, literatos e mesmo sociólogos – que se debruçam sobre os escritos do eu como fonte para compreender o passado, a sociedade e as formas de expressão humanas em sua complexidade e diversidade.

Notas

^I Formado em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP campus de Franca. Atualmente cursa mestrado no PPGHIS da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do professor Alexandre de Sá Avelar. Este texto foi financiado pela CAPES.

^{II} a experiência da APA é discutida em detalhes entre as páginas 239 e 254 do volume.

^{III} P. 7

^{IV} P. 17

^V P. 18

^{VI} P. 24-25

^{VII} P. 100-120

^{VIII} P. 65

^{IX} P. 94

^X P. 121

^{XI} P. 127

^{XII} P. 131

^{XIII} P. 136

^{XIV} P. 144

^{XV} P. 151

^{XVI} P. 229

^{XVII} P. 300

^{XVIII} P. 302-306

^{XIX} P. 406-407

Referências bibliográficas:

GERHEIM NORONHA, Jovita Maria (org). LEJEUNE, Phillippe. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.